

Para não morrer de sede em frente ao mar

Alfabetizando crianças do Alagados, a educadora Vera Lazzarotto concorre ao Prêmio Cláudia

Jornal Correio da Bahia

Data: 21/10/01

Caderno: Bazer

Pag: 5

Ed. Viggiane/Divulgação

Claudia Pedreira

Palafitas. Está lá no dicionário: ruínas de povoações lacustres dos homens pré-históricos. Mas em plena década de 70, ao se deparar com palafitas contemporâneas de Salvador, a educadora Vera Lazzarotto achou que podia contribuir para a evolução de uma comunidade que vivia em situações tão precárias. Daí surgiu um projeto de educação e ação social que já alfabetizou mais de oito mil crianças. Um projeto que chamou a atenção do Prêmio Cláudia e por isso, Vera está entre 15 finalistas que nesta terça-feira concorrem ao título de Mulher do Ano.

Uma cerimônia no Teatro Alfa, em São Paulo, vai reunir na noite de premiação as indicadas - mulheres empreendedoras de várias obras, em estados do país e também de um projeto sediado em Paris. Brasileiras, representantes de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Amazonas, Alagoas, Pará e Bahia concorrem ao grande troféu de vencedora e mais R\$15 mil. Além do prêmio máximo, cinco vitoriosas receberão o valor de R\$5 mil.

Sondada sobre a expectativa às vésperas da premiação, Vera Lazzarotto respondeu via telefone, com voz precisa: "Eu, na realidade, sou uma pessoa muito simples. O que eu acho importante da indicação ao prêmio é que é um forte indicativo de que é possível o ensino democrático e acessível a todos. O que vejo, principalmente, é essa evidência de que se existe analfabetismo no Brasil é por falta de vontade política".

Sede - Toda essa história começou em 1976, quando Vera, hoje com 66 anos, deixou um apartamento no Flamengo, no Rio de Janeiro, para morar em uma casa na palafita de Beira Mangue, agora Novos Alagados, em

Salvador. "Como é que uma comunidade carente, vivendo em péssimas condições, com o desemprego em 65%, pode ter condições de aprender?", pergunta a própria Vera. Que responde: "Depende da oportunidade e, mais importante, da proposta pedagógica acertada".

Foi pensando nisso que ela iniciou uma experiência baseada no método educativo de Paulo Freire, que considerou o analfabetismo um meio de opressão e o aprendizado uma forma de transformação política. Vera também diz ter usado bons recursos, buscando despertar nos alunos o gosto pelo aprendizado a partir do lúdico. Na comunidade já existem alunos formando alunos. "Essas jovens se apaixonaram pelo trabalho, principalmente por querer que seus irmãos, o pessoal do bairro, negros iguais a elas, aprendam. Quando existe a oportunidade de saciar a sede de saber, ela é saciada até a última gota", vibra a educadora, que através da Sociedade 1º de Maio está atendendo atualmente 2.005 crianças.

Em 1997, o trabalho de Vera foi homenageado pela Unesco, em Paris. Um repórter da *Veja* leu sobre o projeto na internet, escreveu uma matéria e essa matéria chamou a atenção do pessoal da revista *Cláudia*. Além disso, a obra de Vera foi tema de *Seleções*, de um programa de Serginho Groisman e de um programa de Silvia Popovic. Apesar do acolhimento nacional e internacional, Vera valoriza o seu meio: "Esse trabalho vem se impondo por si mesmo. Aqui, através da Secretaria de Educação, da comunidade de bairro, das escolas, vem sendo referência", orgulha-se.

Vera Lazzarotto é paulista por oportunidade (a família estava morando em São Paulo quando ela nasceu), carioca por criação e residente da Bahia por opção. Quando residia no Rio de Janeiro, já trabalha-



va com projetos da periferia. Na Igreja, participou de cursos de educação de empregadas domésticas, elaborava material de alfabetização para moradores de favelas.

Conheceu o marido quando ele estava preparando a vinda para a Bahia. Hoje, ele está na Itália, onde foi fazer

um transplante renal. E ela ficou aqui tomando conta dos projetos educacionais, além dos dois filhos. Por conta da sobrecarga doméstica, e do leva e traz dos meninos para os afazeres, mudou-se das palafitas. "Mas minha casa continua lá, com a minha biblioteca", faz questão de ressaltar.

Dignas de mérito

Entre as 15 indicadas ao Prêmio Cláudia chama a atenção o trabalho da advogada Ana Celine Bentes Hamoy, do Pará, que entre outras coisas denunciou e acompanhou casos polêmicos envolvendo meninos - como abuso sexual, trabalho escravo, assassinato e castração.

Saiba quais são as demais concorrentes ao título de Mulher do Ano: Célia Macieira (RJ), Ed-

na Calheiros, Regina Carla de Azevedo e Regina Glória Ramos (RJ), Edneusa Pereira Ricardo (AL), Fernanda Giannasi (SP), Irene Rizzini (RJ), Johanna Luise Voget (RS), Mayana Zatz (SP), Muriel Saragoussi (AM), Paula Minóprio (Paris), Patrícia Chalaça (PE), Rosângela Bernabé (RJ), Rose Marie Vieira Motta Linck (RS), Schuma Schumacher (MG).



Vera Lazzarotto
concorre ao
Prêmio Cláudia
pelo trabalho de
educação que
desenvolve nos
Alagados